

4

Criança escorraçada, odiada, mal recebida... E a psicanálise

Essas crianças[...] sentem a ausência de amor e viverão depois sob a impressão de serem perseguidas e escorraçadas. Serão desconfiadas e medrosas. Reforçarão cedo os seus instintos de agressão e terão diminuído ou anulado o sentimento de comunidade. Seu interesse egoísta cada vez mais aumenta, porque elas se sentem alheias, estranhas à sociedade, a qual dificilmente se adaptarão. Na fase escolar não terão ânimo e será mínimo o seu rendimento porque as tarefas que se lhes apresentarem serão interpretadas sempre como provas de hostilidade.

Arthur Ramos

Como afirmamos anteriormente, Arthur Ramos debruçou-se sobre a questão da criança *escorraçada* como *criança-problema*. Para ele essa criança era odiada e se desenvolvia em condições extremamente desfavoráveis. “Sentem-se, escreve Adler, como em terra inimiga” (ADLER, 1930 apud RAMOS, s.d., p. 74). Para Ramos eram crianças que viviam sem amor e castigadas fisicamente, sendo mal recebidas em casa, ilegítimas, enteadas, órfãs, feias, doentes.

No livro *A criança problema: higiene mental na escola primária*, o autor fez uma revisão antropológica sobre os maus tratos dirigidos às crianças. Ele afirmou que a maneira de tratá-las variava de acordo com a cultura de cada povo. Entre os papuas, australianos, Nova Guiné e em outras ilhas da Oceania era comum o aborto e o infanticídio, sendo que nas ilhas Salomão somente os filhos ilegítimos eram eliminados. Na antiguidade clássica e Greco-romana, os casos de infanticídio ocasionavam medidas de repressão, sendo esse costume condenado definitivamente pela moral cristã. No Taiti, matavam-se os meninos que não serviam para os trabalhos de guerra, religioso, pesca ou navegação. Já em Madagascar a morte era para as crianças que nasciam em *dias aziagos*, isto quer dizer, em um dia de má sorte, amaldiçoado. Na África, China e Índia os motivos eram diversos como: pauperismo, filhos ilegítimos, crianças deformadas, filhos incestuosos ou adúlteros etc.

Outra prática utilizada pelos semitas e outros povos “atrasados em cultura”, era o sacrifício de crianças como oferta aos deuses. De acordo com Ramos (s.d.), nas sociedades civilizadas, a agressão contra as crianças assumia

aspectos diferentes, porém o sadismo dos pais e da sociedade não era menor contra elas.

No Brasil, ao final do século XIX existia uma preocupação em relação à proteção à infância. O Dr. Carlos Arthur Moncorvo Filho, em 1899, criou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância – IPAI, no Distrito Federal, a fim de assistir e proteger a criança pobre através de um projeto de higienização mais adequado, já que as iniciativas empreendidas até então não passavam de “hospícios dos rejeitados” e “roda dos expostos”, neste último, a mortalidade infantil atingia o percentual de 82%. As ações do Dr. Moncorvo Filho foram vastas nesse sentido. Fazendo uma reflexão em relação à iniciativa do médico, Gondra (2002, p. 314) discorre:

Desse modo, menos do que gestos desinteressados ou infortúnio pessoal, o que pauta a conduta do médico brasileiro é a possibilidade de ordenar uma sociedade que julgava desorganizada quando contrastada com o que ocorria no mundo civilizado (Europa e Estados Unidos). O que desejava era fundir o que os seus olhos viam e liam no exterior, com o espaço e pessoas com as quais lidava, sobretudo com as crianças pobres. Fusão que não era apenas o desejo de um sujeito, mas de uma racionalidade que admitia, como solução, as práticas geradas em seu nome e em nome de um projeto civilizatório que se desejava empreender.

Outro ponto importante para o projeto de higienização da infância era a denúncia da prática do aborto e do infanticídio. Segundo Gondra (2002) a redução do número de abortos no Rio de Janeiro, se deu devido a uma maior propagação e incorporação dos largos princípios da higiene, além da redução da miséria e fim da escravidão.

Mais adiante, ou seja, nos anos de 1920, o Dr. Oscar Clark defendia as escolas-hospitais onde a prática educativa e médica seriam associadas, com o objetivo de difundir a higiene na escola. Nesse sentido, a preservação da infância através do controle do aborto, infanticídio, mortalidade infantil e o cuidado com a infância pobre mostram que o acento posto em um projeto de higienização da sociedade objetivava atender à proposta de um país civilizado.

Enfim, constatamos que, não somente Arthur Ramos nos anos de 1930, mas outros médicos no decorrer da história preocuparam-se com a forma como as crianças pobres brasileiras eram “cuidadas”. Ramos voltou sua atenção para o fato

de as famílias e as escolas utilizarem os castigos físicos como a única opção de educação e afirmava ser essa legitimação universal, acusando os adultos de cometerem atos de sadismo frente a elas, “pais e mestres têm-se reunido, em frente à criança ignorante e fraca, para um longo processo sádico de repressões que culminam no castigo físico.” (s.d., p. 76).

Em sua citada obra, Ramos (s.d., p.76-77) também faz uma revisão entre os povos antigos, sobre os castigos físicos, do período do renascimento até a transformação contemporânea dos ideais pedagógicos. Como forma de melhor ilustrar os lugares e os tipos de castigos físicos empregados, elaboramos um quadro que apresentamos na sequência.

Lugar	Tipos de castigos físicos empregados
Índia – Lei de Manu ²³	Um brâmane não podia jamais levantar seu bastão contra outro homem, à exceção de seu filho ou de seu aluno.
Egito	O bastão tinha um papel fundamental na pedagogia: “tu és para mim como o asno que é esbordado todos os dias, tu és como o negro estúpido que deve ser levado a sôcos”, essas eram expressões utilizadas pelos professores egípcios.
Pérsia	O aluno que não aprendia era obrigado a passear seminu, num tapete de urtigas, enquanto o mestre lhe recitava versos de uma obra prima da literatura persa.
Hebreus	O castigo era uma regra pedagógica: <i>qui bene amat, bene castigat</i> (quem bem ama, bem castiga), além dos provérbios contidos no Velho Testamento, onde alusões ao uso de açoites e fustigos com vara é frequente.
Grécia	Platão, o puro, recomendou chicote para a correção da juventude. Aristóteles aconselhava golpes físicos na criança que fazia coisas proibidas. “O menino é duro nas matemáticas? Chicote nele.”
Roma	Ramos cita uma descrição de uma pintura mural encontrada em Pompéia: “colegas seguram um aluno, despojado de suas vestes recebendo chicotadas de um terceiro”. O uso de palmatórias e chicotes de correias também era constante como prática pedagógica.

²³ Conforme pesquisa realizada em alguns sites, conclui-se que a Lei de Manu é uma legislação pertencente ao mundo indiano e, entre outros assuntos, estabelece o sistema de castas na Sociedade Hindu.

No século XI o mestre era visto como o flagelador e nos séculos XIV e XV, segundo Ramos (s.d.), as figuras mostravam crianças completamente nuas diante do professor que as castigava. Os meios de repressão mais utilizados nesse período eram as “reprimendas, as objurgações, as varas, a palmatória, os pontapés, os sôcos, os beliscões, os puxões de cabelos e de orelhas” (p. 78), tendo o chicote perpassado toda a Idade Média, além dos jejuns e prisões.

No decorrer dos séculos algumas vezes se levantaram contra a prática da *pedoplegia*, ou seja, o método de bater e castigar fisicamente as crianças a fim de instruí-las e *melhorá-las*. Arthur Ramos cita alguns nomes, como: Quintiliano que condenou o uso do chicote; Plutarco que afirmava que “os maus tratos e as pancadas só convêm aos escravos e degradam os homens livres” (p. 78) e as crianças deviam ser tratadas com doçura e pela persuasão; no período do Renascimento vozes como os de Erasmo, Rabelais e Montaigne propuseram maior moderação nos tratamentos que se infligiam às crianças; Locke e Malebranche eram contra as punições corporais, porém admitiam que em casos de desobediência as punições pudessem ser aplicadas. Muitos filósofos e pedagogos passaram a advogar a supressão dos castigos corporais em substituição à “liberdade bem regulada” e assim Regulamentos e Estatutos surgiram nas escolas, a fim de interdizer às punições corporais violentas, admitindo algumas reprimendas, retirada de classe, exclusão temporária ou definitiva, a supressão da liberdade. Para Ramos (s.d., p. 79), “não era tudo, mas já era alguma coisa.” Ele continuou seu pensamento, constatando que:

Era difícil erradicar hábitos tão inveterados do sadismo de pais e professores. Infelizmente, os castigos corporais não desapareceram nos processos educativos de nossos dias. Em certos lares desajustados, eles ainda constituem o remédio heróico, como veremos em nossas fichas. Em pleno Distrito Federal, as nossas fichas do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental ainda consignam coisas como estas, em plena população da capital: castigos por pancadas, bordoadas, sôcos, bofetões, espancamentos com pau, chicote, cabo de vassoura, tamanco, correia, tábua, prisão em cafuas, amarrar a criança no pé da mesa, despir as calças da criança para impedi-la de sair de casa... (p. 80).

O médico alagoano (p. 80) continua discorrendo sobre o assunto, trazendo sua própria experiência como aluno no Nordeste do Brasil:

As minhas recordações pessoais, da escola tradicional do Nordeste brasileiro, confirmadas por outras observações de professores do D.F., consignam castigos como êstes: bolos por palmatória, com várias modalidades (palmatória furada, bolos com milho na mão...), cascudos, puxões de orelhas, ajoelhar em cima de milho ou feijão, ficar de pé na classe, de pé em cima do banco, orelha de burro, lousa ou caderno pendurado ao pescoço com o exercício errado, lavar a bôca tantas vêzes quanto as sílabas da palavra “feia” dita pela criança, ficar de pé com uma cadeira na cabeça, privar a criança de internato de dormir quando já está com sono, pregar caderno às costas e fazer passar por tôda a escola... que sei mais? Uma informação que o Serviço recebeu consigna o castigo da bola de cêra, que teria sido usado no interior de S. Paulo, e que, consiste numa bola de cêra prêsa a uma vara por um barbante; o professor vibra aquêle estranho chicote na cabeça da criança que merecera o castigo e na maioria das vêzes a bola de cêra gruda-se a uma mecha de cabelos, arrancando-os.

Ramos (s.d.) afirmou em sua obra que mesmo naqueles dias, ou seja, anos de 1930, os castigos não haviam desaparecido como processo educativo e não conseguia entender como no Distrito Federal isso ainda acontecia. Seguindo com a lista de castigos físicos empregados às crianças, ele descreve os castigos utilizados nas escolas naquele período, a saber:

As nossas observações registram castigos ainda hoje empregados no Distrito Federal (quer dizer a isso, meu querido Pestalozzi!): ficar de joelhos (observação de 1938!); pôr de joelhos em baixo da mesa; pôr a criança de pé no canto da sala; pôr a criança de pé virada contra a parede; privação de merenda; pôr a criança de joelhos com a cesta de papéis na cabeça (numa escola particular); um superintendente da sétima circunscrição encontrou, em 1934, uma professôra que levava milho para castigar os alunos; puxões de orelha; cascudos... (s.d., p. 80-81).

Ele ainda assinala outra série de castigos, sendo agora morais, que, conforme seu entendimento eram acompanhados de consequências desastrosas, assim como os castigos físicos:

[...] retenção na hora do recreio; retenção na hora da saída; humilhar a criança perante os colegas; retirar a criança de classe para a turma de outra professôra; retirar a criança de aula para o gabinete da diretora; suspensão por tempo limitado; expulsão; nome na “lista negra... (s.d., p. 81).

Continuando a mostrar sua reprovação em relação aos métodos educativos empregados tanto pela família como pela escola, Ramos assinalou o seguinte:

[...] por fim, encontrei, em pleno coração de Niterói, em 1938, uma curiosa casa de negócios que vendia os mais esquisitos objetos: [...] e palmatórias, palmatórias às dúzias e de todos os feitios, e com larga vendagem... Ainda há consumo de palmatórias, no Brasil, para as escolas e para os lares... (s.d., p. 81).

Como afirmamos em trabalho anterior (2010b), embora os castigos físicos e morais fossem inerentes ao ambiente cultural daquele período, isso não impediu o médico de evocar o fim dessa forma de educar. Desta maneira, chamou a atenção para as consequências de tais atos em casa e na escola. Apontou como consequências físicas: as mastoidites de origem traumática, ou até mesmo, equimoses e fraturas; fadiga de certos músculos por ficar longo tempo em pé etc. Em relação ao plano psicológico, para Ramos, residia a consequência mais perigosa, podendo ser imediata como ter sentimentos de vergonha e revolta, ou mediatas, originando as reações mais imprevisíveis. Ele enumerou algumas reações mais comuns como: resistência passiva, secreta ou declarada, cólera, furor, ódio, sede de vingança, sadismo de um lado, dissimulação, hipocrisia, atitudes dissimuladas e humildes, medos mórbidos, ideias de morte e masoquismo do outro.

No trabalho citado, observamos que o abrangente estudo do médico para explicar o comportamento *desajustado* da criança *escorraçada* passa por outros fatores extrínsecos como as múltiplas condições do lar *desajustado*, o pauperismo, o alcoolismo dos pais, o abandono moral da criança etc.

Nesse sentido, a nossa pesquisa volta-se agora para os maus tratos recebidos em casa pela criança *escorraçada*, levando em consideração as condições extrínsecas citadas acima, o que nos leva a constatar a contrariedade em relação às orientações dadas pela higiene mental, a fim de educar a criança de forma a prevenir os *desajustamentos*. Desta forma, compreendemos o fato de Arthur Ramos ter direcionado sua atenção, primeiramente, para a família,²⁴ orientando-a de acordo com os preceitos da higiene mental.

²⁴No próximo capítulo nos deteremos nas orientações dadas às famílias pelo S.O.H.M. em relação à educação das crianças.

Vamos recorrer a alguns fragmentos e até relatos completos das fichas de observação do S.O.H.M. a fim de ilustrar em que nível se davam os *escorraçamentos*, em que ambiente essas crianças viviam, sua saúde, além de verificarmos as reações que elas apresentavam em seu ambiente familiar e escolar como forma de denunciar que algo não ia bem. Cabe ressaltar que é, principalmente, na escola, que o comportamento considerado *desajustado* vai se manifestar com mais veemência, além da dificuldade de aprendizagem.

*Obs. 21 (Escola “Estados Unidos), ficha nº 18 do S.O.H.M.). J.M.R., menino de 13 anos, cor branca. Pais portugueses. O pai é vendedor ambulante, enérgico, **bate nos filhos quando o desobedecem**. A mãe trabalha em casa. [...] Ambiente familiar – casa alugada; é um **barracão de madeira e zinco, sem acomodação para a criança que dorme na sala, com o irmão**. O menino **trabalha em casa**, limpa uma cocheira que existe próximo, vai buscar capim para o burro. [...] O menino teve pneumonia aos 6 anos, e daí por diante foi sempre **fraco**. **Subalimentação: come em casa feijão preto e pão seco**; não há sala para as refeições, come na cama ou no quintal. [...] na escola, [...] é **desobediente, atormenta os colegas, tagarela, embirante, irrequieto em classe. É fanfarrão, irascível e barulhento**. A sua aprendizagem é quase nula. [...]”²⁵ (os grifos são nossos).*

Podemos observar na história de J.M.R. um ambiente familiar que enfrenta o pauperismo, além disso, constatamos que a alimentação dele era deficitária levando o menino a uma subalimentação, indo de encontro com um dos seis instintos infantis considerados de extrema importância para a higiene mental, que era a fome, ou em outras palavras, a alimentação do J.M.R. não tinha quantidade e nem qualidade. Na ficha de observação não fica evidente se era por causa das condições econômicas vividas pela família ou porque a criança apresentava alguma restrição alimentar por não gostar desse ou daquele alimento. Fato é que o menino apresentava uma saúde frágil. Em relação à agressividade apresentada por ele na escola, segundo Ramos (s.d.), era consequência imediata dos castigos físicos sofridos em casa que se uniam a outras condições desfavoráveis do ambiente familiar. Ele ainda afirmou que às vezes o comportamento agressivo vinha acompanhado de outros traços de caráter como a “dissimulação, a ironia, as mentiras, os furtos, os tiques, os desajustamentos sexuais, os defeitos da palavra, etc.” (p. 87).

Seguindo adiante, Ramos (s.d.) analisou a questão da figura paterna na relação com a criança *escorraçada*. Diante de suas observações, através dos atendimentos, ele concluiu que era o pai quem aparecia com mais frequência

²⁵ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 86.

como a figura que aplicava os castigos físicos na criança. De acordo com seus estudos baseados na psicanálise ele apurou que as atitudes de revolta da criança eram direcionadas na maioria das vezes contra o pai e tudo que representava autoridade em geral. Para os freudianos a revolta apresentada pela criança contra o pai e autoridade em geral acontecia por causa do complexo de *Édipo*²⁶, onde o pai é o rival amoroso que rouba o exclusivismo das carícias maternas. A psicanálise provou, segundo Ramos (s.d.), que a figura paterna era o responsável principal pelo *complexo de castração*²⁷ da criança, sendo o símbolo das interdições e castigos e que, em função do complexo de *Édipo*, se instala a personalidade, formando o núcleo do superego²⁸. Porém, não é só a *libido*²⁹ que é recalcada³⁰, mas os impulsos de agressão, ligados a fase oral da *libido*, que associados a esta, e recalcados, vão formar o par sadismo-masiquismo.

²⁶ “o complexo de Edipo exprime relações muito antigas na história da humanidade, o incesto mãe-filho ou pae-filha, de que nos dão notícia as varias mythologias, os relatos ethnographicos, o folk-lore. O ser humano recapitula essa phase da evolução phylogenetica, quando se formam esses *complexos parentaes* cedo recalcados pela censura. Antes dessa phase, a personalidade está regida pelo *principio do prazer*, que exprime a livre manifestação e expansão dos instinctos, só depois recalcados e sujeitos ao *principio da realidade*, expressão das forças coercitivas do *eu*. Foi primeiro dualismo descoberto pela psychanalyse, o conflicto *libido-eu*, que exprime um esforço para a adaptação do *principio do prazer* ao *principio da realidade*, conflicto que decidirá dos destinos da personalidade.” (RAMOS, 1934a, p. 35-36).

²⁷ “Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especificamente, com a função interditoria e normativa.
Fonte: http://www.psicopedagogia.com.br/atuacao/glossario.asp?l_letra=C

²⁸ “O Id é a parte profunda do psychismo, o grande deposito do inconsciente hereditário e do inconsciente hereditário e do inconsciente recalcado, sede dos impulsos primitivos, amoraes, desordenados, da personalidade. O Ego não é mais do que uma parte do Id, que se poz em contacto com o mundo exterior, por intermédio da ‘percepção-consciencia’. A sua função é adaptar-se ao mundo exterior, substituindo o principio do prazer, inherente ao Id, pelo principio da realidade, sob cuja influencia vive. No decurso do desenvolvimento psychico, uma parte do Ego ainda chega a differenciar-se numa instancia especial (o Super-ego) em contacto intimo também com o Id. Sua função principal é a de assistir às relações entre um e outro, evitando que irrompam no Ego os impulsos perigosos e anarchicos do Id. Freud mostrou o futuro super-ego como a formação ideal do eu.” (RAMOS, 1934a, p. 39).

²⁹ “Freud chamou *libido* a energia do instinto sexual e pode reconstituir ou acompanhar directamente a sua evolução nas diversas phases da vida humana. A actividade da *libido* deixará marcas indeléveis na personalidade, pela formação de *complexos*. (RAMOS, 1934a, p. 35).

³⁰ “A theoria do recalramento é a ‘pedra angular’ da psychanalyse (Freud). É um processo geral de defesa da personalidade; são forças de inibição que tendem a excluir do plano consciente todo processo mental que possa despertar um sentimento de desprazer. Salvaguardando a personalidade de affectos e emoções molestas, ou de impulsos primitivos em opposição com o *eu* social, o recalramento expulsa ou reprime todo processo mental desagradável (*recalamento* propriamente dito), ou impede a irrupção destas forças na consciência (*resistencia*).” (RAMOS, 1934a, p. 31).

Para a Escola Adleriana a criança detestaria o pai e reagiria com agressividade porque o associava a um tirano e dominador dentro da dinâmica afetiva: acima-abaixo, dominar-se – dominado. Então, quando ela está sujeita a uma disciplina muito rígida e autoritária, decide pelo caminho do desvio, escapando em subterfúgios, com mentiras, furtos, ou tendo um comportamento agressivo, buscando supercompensar o seu sentimento de inferioridade. Os adlerianos detectam na criança *odiada* uma série de problemas, sendo o pai sinônimo de regras, leis, interdições e punições. “Sua força e poder são obstáculos contra os quais se quebra o *élan* da criança. Daí, sua raiva e seu ressentimento.” (p. 90).

Obs. 26 (Escola “México”, ficha nº 122 do S.O.H.M.). A.A.B., menino de 9 anos, cor branca, nascido em Portugal. O pai, português, trabalha no comércio, goza de boa saúde; castiga o filho com tamancos. A mãe, também portuguesa, goza de boa saúde, também castiga frequentemente o filho. 2 irmãos [...]. Moram em casa alugada, de cômodos; toda a família ocupa um só quarto; promiscuidade em casa e na vizinhança. [...] O desenvolvimento da criança fez-se com algumas dificuldades, da marcha e da fala. Subalimentação. [...] dorme na mesma cama dos pais com a irmãzinha. Tem medo da escuridão e do isolamento: “tem medo de sombras.” Não brinca em casa; na Escola, dança e pula desajeitadamente, brinca só. É alvo de pilhérias dos companheiros; zanga-se, atira-se ao chão, tornando-se “terrivelmente agressivo” [...]. É desobediente, quando zangado; serviçal e humilde, quando bem tratado; tendência a ser dominado pelos mais fortes; atormenta os colegas com beliscões, ponta-pés, dentadas. Chora facilmente, é emburrante, vive com os dedos na boca, chupa os lápis, gravata, pasta; quando alguém lhe dirige a palavra, encolhe-se todo, amendrontado. É insociável, tímido, medroso, egoísta, agressivo, calado com explosões súbitas, irascível com bizarras periódicas, bulhento, desconfiado, covarde. Atenção, memória, raciocínio, deficientes. Muito sugestionável. Aprendizagem fraca; aprende bem as tarefas manuais.³¹ (os grifos são nossos).

Nesta observação encontramos pontos relevantes para o estudo da higiene mental e psicanálise. Mais uma vez, surge a questão do pauperismo e junto a ele a acomodação inadequada associada à promiscuidade, além da subalimentação; todos esses fatores concomitantes ao *escorraçamento*. É uma criança que não brinca em casa, não ficando explícito o motivo, mas a brincadeira e/ou o jogo compõem os instintos infantis considerados pela higiene mental como fundamentais para o desenvolvimento infantil. Observa-se como o comportamento agressivo de A.A.B. se manifesta em seus relacionamentos, confirmando a análise que Ramos fez tendo como embasamento as Escolas Psicanalíticas de Freud e Adler. Outra observação que nos parece relevante são as

³¹Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 92.

atitudes paradoxais do A.A.B., como medo e agressão, amor e ódio ao pai, e nesse caso à mãe também, que se transferem aos relacionamentos escolares.

Ainda apoiado na psicanálise, Ramos (s.d.) analisou os *desajustamentos* de ordem sexual na criança *escorraçada*, levando em consideração o que a psicanálise do sado-masiquismo provou, ou seja, que a agressão estava sempre ligada a componentes sexuais. Ele observou nas escolas casos de meninos cuja agressão tomava aspectos sexuais, como quando agredidos ou irritados, revidavam falando “nomes feios” aos colegas. O médico alagoano citou um estudo pormenorizado que Ferenczi³² realizou a respeito das palavras obscenas e do seu significado simbólico de agressão. Desta forma, a pronúncia das palavras obscenas canalizaria os impulsos sádicos da libido oral, pois a palavra, no psiquismo infantil, estaria ligada à ação, ou em outras palavras segundo Ramos (s.d.), ao realismo nominal do primitivo, selvagens e crianças de acordo com os estudos de Lévy-Bruhl, J. Piaget e do próprio Arthur Ramos.

*Obs. 27 (Escola “Manuel Bomfim”, ficha nº 253 do S.O.H.M.). B.G.A., menino de 12 anos, cor branca. O pai português, negociante, enérgico; **corrige os filhos a bordoadas**. A mãe, portuguesa, não goza de boa saúde. 5 irmãos [...]. Moram em casa alugada, situada nos fundos de uma casa de negócios; **não há acomodação para a criança**; pátio muito acanhado. **Em casa castigam com brutalidade as crianças, mas não as assistem como necessitam. Há influência desfavorável da vizinhança. Subalimentado.** Não tem hora certa para deitar-se nem para se levantar. **Vive na rua e em más companhias de botequins e tavernas.** Na Escola, brinca muito com companheiros, com **tendências a dominar**. Gosta muito de meninas; tem várias namoradas e escreve no braço, a tinta, o nome delas. Na Escola, **é líder de um bando mal ajustado; fuma, diz palavrões, vive a mexer nos órgãos genitais.** Conta fanfarronadas, **atormenta os colegas, furta**. É alegre, irônico, bulhento, irreverente. **Atenção e memória fracas. Aprendizagem medíocre.** [...] Do seu registo de observações: Maio de 1935 – Dificil a adaptação à Escola. Este **menino vive à solta, brincando na rua.** Mostra-se irreverente com as professoras. Quando admoestado, replica: “eu sou assim mesmo!” É falastrão, seus movimentos são desordenados. Novembro de 1935 – B.G.A. saiu com seus companheiros da Escola a vadiar pelos arredores, e tomar banho no “Trapicheiro”; mas desavieram-se e o resultado foi que um relatou todas as irregularidades praticadas: **furto de cigarros, nomes feios...**³³ (os grifos são nossos).*

³² Arthur Ramos não fez referência de data em relação ao estudo desenvolvido pelo pesquisador.

³³ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 95.

Ramos (s.d.) afirmou que o comportamento sexual desajustado das crianças *escorraçadas* era mais comum quando abandonadas moralmente, provenientes de lares *desajustados*, convivência com “má vizinhança” e a questão do pauperismo. Para ele, essa questão era uma condição que permeava todo o transcurso da criança-problema, sendo a causa de muitos lares *desajustados* e comportamentos antissociais apresentados pelo educando. Mais adiante vamos nos deter mais sobre o pauperismo e suas consequências.

Após a análise de três fragmentos de histórias sobre a criança *escorraçada*, vale ressaltar que, mesmo eles apresentando focos diferentes, os alunos demonstravam ter dificuldade de aprendizagem, pouca concentração e memória deficitária. Para Ramos as consequências dos maus tratos não era somente um comportamento *desajustado*, mas também problemas com a aprendizagem, o que muitas vezes era confundido com incapacidade ou alguma *anormalidade* como vimos anteriormente. No próximo capítulo iremos analisar fragmentos que nos mostram que após algumas orientações dadas pelo Serviço de Higiene Mental e colocadas em prática tanto pela família quanto pela escola, essas crianças que antes não conseguiam aprender apresentaram avanços significativos em suas aprendizagens.

Continuando com as análises, apontamos segundo Ramos (s.d.) a falta ou a pouca compreensão dos pais em relação a algumas doenças apresentadas pelas crianças que as faziam ter um comportamento mais turbulento, sendo mais desobedientes, tendo como retorno dos responsáveis o *escorraçamento*.

Obs. 29 (Escola “Estados Unidos”, ficha nº 17 do S.O.H.M.), J.A., menino de 10 anos, cor parda. O pai é português, linotipista, sofre do fígado e rins; teve há tempos um tumor na pleura; freqüenta sessões espíritas; bate nos filhos. A mãe, brasileira, é irritável, não goza de boa saúde; castiga os filhos freqüentemente. 3 irmãos [...]. Um avô paterno, doente aborrece-se muito com a presença dos netos. Moram em casa alugada, sem acomodação para a criança, que dorme na sala de jantar. [...] O desenvolvimento da criança não se processou normalmente: dificuldades do desmame, defeitos na fala, vertigens... Subalimentação. Enurese noturna. Deita-se às 6 e meia; dorme com o irmão mais velho no mesmo leito; tem medo da escuridão e do isolamento; tem pesadelos freqüentes e sofre de sonambulismo. [...] Na Escola, brinca com colegas, tendência a dominar, brinquedos violentos. Atormenta os colegas com pancadas e já feriu um companheiro; foge constantemente das aulas; perturba os trabalhos dos colegas. Corre, balançando a cabeça e batendo com os pés; costuma dar gritos agudos, rói as unhas; cabelos em desalinho. É agitado e agressivo; aperta a garganta dos colegas, dizendo que vai matá-los. É desatento, boa memória, muito sugestionável, aprendizagem fraca. [...] Os dentes são sujos, as mucosas coradas. Movimentos incoordenados. O exame neuro-mental fez suspeitar de equivalentes psíquicos de epilepsia num fundo de

*lues congênita. Do seu registo de observações, extraímos o seguinte: Abril de 1935 – Interessa-se pelos trabalhos manuais e **abandona os que exigem um esforço intelectual**. Não olha de frente as pessoas. É indisciplinado em classe. Há dias que piora muito. Os **colegas chamam-no de “maluco”** e ele fica exaltadíssimo. [...] Junho de 1935 - [...] Foram instruídos os seus pais sobre o caso do menino, sendo-lhes mostrados **os graves inconvenientes dos castigos corporais**.³⁴ (os grifos são nossos).*

Esse é um caso de criança doente, *escorraçada* e castigada pelos pais que pensavam que se tratava de desobediência e travessura, porém a forma como a conduziam complicava extraordinariamente os problemas que apresentava, pela confluência de causas orgânicas e ambientais. Segundo Ramos (s.d.), os meninos agitados e agressivos, por motivos orgânicos, portadores de “lues nervosa”, os atrasados mentais, eram tratados de forma pejorativa de “bôbo”, “maluco” etc, o que só reforçava a agressividade. Outro ponto de observação importante para a higiene mental era o sono. Nessa história constatamos que o sono de J.A. não era tranquilo, apresentando alguns transtornos como o medo da escuridão e isolamento, além do sonambulismo e pesadelos. Outro instinto importante para a investigação da higiene mental era a alimentação, nesse caso, mais precisamente, o desmame que como está relatado na ficha de observação foi dificultoso, não ficando esclarecido que tipo de dificuldade essa criança apresentou, mas é possível que tenha relação com o apego materno. A enurese noturna era outro aspecto que a higiene mental buscou investigar na criança que seria o instinto de eliminação. De acordo com o pensamento e estudos de Ramos, a enurese, normalmente, se mantinha por falta de uma condução adequada dos pais em ensinar o filho a controlar a esfíncter.

O pauperismo era uma condição que tinha relevo para Arthur Ramos. Ele defendia a necessidade de se ter diretrizes político-sociais a fim de “atacar o mal fundamental do pauperismo” (p. 102). A miséria social era para ele um grande causador de *desajustamentos* das famílias e crianças, motivo de delinquências, sentimentos de menos valia e agressões etc. Para Norbert Elias “nenhuma pacificação é possível enquanto a distribuição de riqueza for muito desigual e as proporções de poder demasiado divergentes” (Elias, 1997 apud Veiga, 2008, p. 13), neste sentido, Ramos analisa a situação da seguinte forma:

³⁴Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 96.

A carência ou a escassez extrema dos elementos econômicos, as dificuldades terríveis para satisfazer as mais elementares exigências da vida (alimento, abrigo, descanso), determinam no organismo perturbações funcionais grandemente propícias a uma conduta irregular e preparam estados depauperantes de miséria fisiológica, de esgotamento de energias, que fazem quase irremediável a degradação moral, o fomento de idéias tenebrosas e sentimentos ruins e violentos, a queda e o crime. (RAMOS, s.d., p. 103).

O autor (s.d., p. 104) cita Otto Rühle (1932) como aquele que desenvolveu um estudo mais aprofundado sobre o psiquismo da criança de meios proletários, baseado no ponto de vista adleriano, partindo do sentimento de menos valia que a criança educada em condições sociais e econômicas deficitárias apresentava, além das anomalias e defeitos físicos delas, bem como analisando os reflexos e reações psicológicas que se formavam apoiados nesta inferiorização física e mental. Enfim, para Rühle, o pauperismo se caracterizava pela fome, salários ridículos, degradação social, *desajustamento* da família como ilegitimidade, orfandade etc.

Ramos (s.d.) entendia que o fato de o pai ficar fora o dia todo trabalhando e a mãe, também, significava que os filhos ficavam, praticamente, abandonados, “como pássaros sem ninho”, “sem proteção”, “sem a menor segurança de vida” (p. 105), sendo a consequência da privação de carinho e o abandono afetivo equivalente aos castigos corporais. Ele chamou a atenção também para o sentimento de inferioridade social que o pai carregava, descontando na criança toda sua frustração, através dos castigos físicos ou nos *escorraçamentos* psicológicos dos maus tratos, indiferença, do abandono e ódio. Segundo Ramos, (s.d.) a experiência demonstrava que quanto mais oprimido o ser humano era, mais fortemente lutava para compensar essa opressão e, por isso, a necessidade de fazer prevalecer sua autoridade seja no lar, no caso dos pais, seja na escola, no caso dos professores, pela exteriorização de um sadismo. Desta forma, a criança *escorraçada*, oriunda de ambientes de pauperismo apresentava variadíssimas reações de defesa.

Porém, ele apontou que outros *desajustamentos* podiam ocorrer, independentes da situação econômica, como conflitos familiares, desentendimento entre os cônjuges, além do alcoolismo paterno.

Em relação à análise sobre o alcoolismo, o médico alagoano não se deteve nas causas nefastas do álcool, do ponto de vista neurofisiológico no organismo

humano, além das consequências na gestação, mas sim, do ponto de vista da higiene mental, como causador de *desajustamentos* psicoafetivos no lar e, conseqüentemente, sua influência na educação infantil. Para ele o indivíduo que fazia uso da bebida alcoólica, por si só, já demonstrava um *desajustamento*, procurando fugir da realidade, “facilitada pela existência de fixações infantis da *libido* oral, como demonstrou a psicanálise.” (p. 11). Na sequência, apresentamos a história de O.G. e sua família que ilustra bem essa situação:

Obs. 37 (Escola “Estados Unidos”, ficha nº 42 do S.O.H.M.). O.G., menino de 12 anos, cor branca. O pai, brasileiro, profissão de pedreiro, alcooliza-se com frequência; torna-se colérico nestas ocasiões, e espanca os filhos por qualquer motivo. A mãe brasileira, lavadeira, também trata os filhos com muito rigor, espancando-os. 6 irmãos [...]. O menino trabalha muito em casa, carregando pesos na cabeça. [...] Subalimentação. Deita-se às 22 horas, levanta-se às 4. [...] Levanta-se de madrugada, vai à feira fazer carretos, para ganhar dinheiro e entregar à mãe; arruma a casa, limpa os pratos, faz o café da manhã, encera casas. Não brinca em casa, porque não tem tempo e a mãe não deixa. [...] Atormenta os colegas com empurrões e tapas; é tagarela, muito descuidado e pouco asseado. É insociável, irônico, agressivo, irascível e fanfarrão. [...] Da orientação proposta: 17/7/1935 – Instruir os pais, mostrando-lhes os inconvenientes dos castigos corporais e dos ralhos contínuos. As atitudes de agressão na criança exprimem uma reação psicológica à vida desajustada no lar. Mostrar aos pais os inconvenientes do excesso de trabalho físico, produzindo a fadiga escolar. Assistência alimentar (merenda escolar). Ensinar ao menino hábitos de higiene dentária e limpeza corporal.³⁵ (os grifos são nossos).

Após analisarmos, do ponto de vista da higiene mental e de Arthur Ramos, algumas situações como o pauperismo e suas consequências, além do alcoolismo, vamos tratar da questão do filho ilegítimo que também sofre *escorraçamentos*.

Essa questão foi constatada por Ramos (s.d.) como sendo algo que afetava a maioria dos “lares pobres, das crianças dos morros” (p. 113), sendo a probabilidade do abandono do filho ilegítimo muito superior à dos filhos legítimos. Normalmente essa criança era *escorraçada* por todos os lados, não tendo um lar, além de lhe faltar a influência da figura paterna. Quando, por ventura, conseguia morar junto com os irmãos legítimos, sentia-se em posição inferior a eles ou a outras crianças da mesma casa.

Importante ressaltar que naquele período o preconceito da sociedade em relação à aceitação dessa criança era forte, o que ultrapassava a atuação da higiene mental, comportando assim, como constatou Strauss (1936 apud Ramos, s.d., p.

³⁵ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 111.

118) “discussões, teorias e preconceitos de caráter filosófico, religioso e econômico.” Percebia-se de alguma forma, um esforço por parte da sociedade em vencer o preconceito e acolher o filho ilegítimo da mesma forma que o legítimo, concedendo-lhes os mesmos direitos. Para Ramos (s.d.) a criança não podia ser culpabilizada pela atitude dos pais. Hildegard Kipp (cf. Strauss, 1936 apud Ramos, s.d., p. 118) apontou quatro reações de defesa adotadas, normalmente, pelo filho ilegítimo, a saber:

a) o anelo pelo vazio interior, em conseqüência da falta do pai, o que dá lugar a reações sociais e antisociais; b) a agressão, nos casos de meninos escorraçados ou abandonados, o que é o caso mais comum; c) a resignação, nos seres passivos e contemplativos, o que pode dar lugar também a supercompensações inadequadas; d) a identificação, pela compenetração em um destino estranho, o que os leva a profissões altruístas que implicam em sacrifício da própria personalidade, por identificação à miséria e à dor alheias.

Cabe ressaltar que, na maioria dos casos, a criança ilegítima convivia, não somente com suas questões emocionais advindas de sua condição, como também com os problemas de pauperismo, maus tratos e castigos físicos, além de outros tantos fatores. A história de O.M., um menino de 9 anos, como veremos, além de ser um filho ilegítimo, ficou órfão de mãe e era criado pelos parentes paternos, tendo três irmãs moças por parte de pai.

*Obs. 42 (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha nº 12 do S.O.H.M.). [...] O pai brasileiro, branco não goza de boa saúde, sempre trabalhou em casas de jogo, **temperamento ciclotímico**³⁶. A mãe brasileira, cor parda, **morreu um ano depois do nascimento do filho**. [...] A irmã mais velha [...] tem uma **filha de 4 anos, muito mimada por todos**. [...] **O.M. é muito castigado em casa** [...]. O pai queria que a **mãe provocasse um aborto**, ao que a mãe se recusou. [...] O menino sofreu de várias doenças; desenvolveu-se fraco, desatento e desinteressado. [...] Foi educado, a princípio, longe da família legítima do seu pai e só posteriormente conduzido ao seio desta. A família acolheu-o com sentimento de piedade. Uma sobrinha, neta legítima do seu pai, obtém a satisfação dos seus menores desejos, **ao passo que ao menino tudo negam. Obrigam-no a chamar “padrinho” ao pai**, para ocultarem a condição do seu nascimento. [...] O comportamento agressivo do menino exprime uma reação ao escorraçamento moral de casa.[...]”³⁷ (os grifos são nossos).*

³⁶A característica essencial do Transtorno Ciclotímico consiste em uma perturbação crônica e flutuante do humor, envolvendo numerosos períodos de sintomas hipomaníacos e numerosos períodos de sintomas depressivos. Fonte: <http://www.psiquiatriageral.com.br/humor/tb03.htm>

³⁷Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 116-117.

Observamos que O.M. sofria com a falta materna e paterna, pois aos outros lhe era proibido revelar a verdadeira identidade do pai vivo por causa do preconceito social, era preterido em casa por causa da sobrinha menor e neta de seu pai, além de castigado fisicamente por todos que vivem nesse ambiente. Importante ressaltar que a rejeição paterna iniciou-se no ventre materno, ou seja, na gestação. O.M. apresentava comportamentos agressivos, de furtos, demonstrava ódio pelo pai jogando seus pertences ao chão, sendo muito indisciplinado na escola e desobediente.

Da mesma forma, sofriam as crianças que tinha pais separados e que, além disso, ainda eram *escorraçadas*. Nas observações em que Ramos teve oportunidade de fazer no Serviço de Higiene Mental detectou mais esse fator que acabava desencadeando o *escorraçamento* do menor, além de distúrbios neuróticos e, conseqüentemente, o *desajustamento* do aluno e dificuldade de aprendizagem.

Nossa atenção agora se volta para o caso de meninos e meninas órfãos de pais e que, concomitantemente, eram *escorraçadas*. Segundo Ramos (s.d.), Freud examinou as reações de crianças frente à morte de pessoas queridas e dos pais. No caso do pai, principalmente, a morte exercia uma influência importante no desenvolvimento futuro do órfão. Os ortofrenistas, como afirma Ramos (s.d.), retomaram o assunto mostrando que a orfandade predispunha aos desajustamentos de conduta e emocionais, bem como às neuroses e psicoses. Segundo o médico, a observação nos hospitais psiquiátricos apontava para um número considerável de caso de pacientes mentais que perderam os pais ou um dos dois, ainda na infância.

A criança órfã de pai apresentava, de acordo com Ramos, questões mais complexas e variadas reações caracterológicas, oscilando desde os problemas mínimos até mais graves, como tangenciar a neurose ou adquiri-la. É importante observar que a situação dos meninos que ficavam sem o pai era mais complexa do que as meninas, porque o contato permanente da menina com a mãe era favorável para a formação de seu superego, pois esse se moldava pelo modelo materno. Já para o menino a situação ficava mais complexa por não ter a influência da figura masculina, indispensável à formação do seu superego, ficando assim, mais vulneráveis a problemas de comportamentos e de caráter.

A história de E.L.S., uma menina de 11 anos, da Escola Estados Unidos, nos mostra que o pai faleceu quando tinha 3 anos, enfrentava o problema do

pauperismo, além do *escorraçamento* e castigos físicos frequentes que sofria da mãe porque mentia, furtava e desobedecia, apresentando o mesmo comportamento na escola. Era subalimentada, apresentava problemas com sono, não tendo lugar próprio para dormir, além de não poder brincar em casa.

Cabe destacar outra história. R.S.L., um menino de 9 anos que também ficou órfão de pai e que segundo Ramos o seu superego acabou moldando-se ao tipo paterno (alcoólatra e mau para a família) com quem conviveu por 7 anos³⁸.

*Obs. 54 (Escola “Estados Unidos”, ficha nº 304 do S.O.H.M.). O pai [...] nos últimos 7 anos se alcoolizava diariamente e colocava a família para fora de casa. A mãe [...] trabalha em uma feira. 7 irmãos. [...] Uma irmã de 19 anos, solteira, espanca muito o menino. [...] O menino trabalha em casa: varre, lava, faz o almoço. [...] Não brinca em casa. Na escola, brinca de “polícia e ladrão” (ele é sempre o polícia). [...] Subnutrição, verminose, descalcificação. Maio de 1935 – o menino não estuda na Escola; vive a fazer gaiatices para os colegas. Mente e fuma. Bebe cerveja com soda. [...] Abril de 1936 – Disse que sonha sempre com o pai, ameaçando-o de morte. A mãe bate muito nele; deseja a morte do menino e diz não se importar se isso acontecer. [...] Diz que é o dono de sua casa, que é ele quem manda e faz o que quer. [...]*³⁹

Nessa história, antes do pai de R.S.L. falecer, teria conseguido influenciar, mesmo que inconscientemente, a formação de caráter do filho e somado a isso, encontramos mais uma vez fatores diversos que reforçavam o comportamento *desajustado* que o menino apresentava, pois era *escorraçado*, espancado pela mãe e irmã, apresentava subnutrição e outras doenças, além de ser rejeitado pela mãe que desejava sua morte.

Não só a criança que cresce sem o pai apresenta dificuldades, mas também aquela que vive sem a mãe e fica predisposta a múltiplos problemas de personalidade, pois os laços maternos são indispensáveis ao desenvolvimento psicológico infantil. Ramos (s.d.) cita o trabalho de Moritz⁴⁰, de Budapeste, que mostrou o fenômeno da *inanição psíquica* nas crianças sem mãe.

Este autor mostrou que as crianças educadas sem mãe, ou sem estímulos psíquicos, perdiam gradativamente o peso, o que demonstra ainda a influência do psíquico sobre o físico. A observação foi feita ainda nas crianças lactentes, órfãs de mãe ou retiradas do lar, por abandono, no período do chamado comunismo de guerra, nos hospitais de Moscou.

³⁸ Ver anexo 10 - um relato do aluno, um desenho espontâneo e observação do seu comportamento em sala de aula.

³⁹ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 130

⁴⁰ Arthur Ramos não fez referência de data em relação ao trabalho desenvolvido por Moritz.

Apesar de alimentadas e assistidas convenientemente, nos hospitais, estas crianças definhavam e chegaram algumas ao extremo da inanição psíquica. Mais adiante, aquelas que se desenvolveram sem o carinho dos pais, procuraram mesmo o suicídio como uma evasão.

Ramos (s.d.) apontou também a escola de Adler dando grande importância ao estudo dos órfãos de mãe. O estudo revelou que os órfãos de mãe apresentavam falta de confiança, inclinação à timidez e à insociabilidade. Nas observações do S.O.H.M. foram detectadas também agressividade, furtos, mentiras e problemas de ordem sexual.

Problemas muito semelhantes aconteciam também com as crianças adotadas, asiladas ou abandonadas. Os casos mais comuns, segundo Ramos (s.d.), eram de oscilação entre agressividade e turbulência, ou reserva e timidez. A situação piorava quando associado à adoção por orfandade ou abandono, a família tutora era *desajustada*, enfrentava o pauperismo e utilizava o castigo físico como forma de educar. A criança tinha a impressão de não ser aceita naquele lar que legitimamente não era o seu. Existiam aquelas também que por serem tão mal tratadas por seus pais legítimos, pensavam que eram adotadas e desenvolviam o que Ramos (s.d.) denominou de *complexo da criança adotada*.

A questão do enteado era uma situação de relevo também para Ramos, pois o colocou na mesma condição da criança órfã e *escorraçada*. Porém, ele observou que podia haver uma pequena diferença no comportamento da madrasta para o padrasto, pois, normalmente, este saía para trabalhar e ficava fora o dia todo, cabendo a ele apenas a provisão do lar, enquanto a madrasta era aquela responsável por educar as crianças. Isso, entretanto, não quer dizer que os padrastos também não *escorraçavam* seus enteados de várias formas, porém a incidência era menor nesses casos, segundo as observações feitas no Serviço de Higiene Mental.

Para Ramos (s.d.), dificilmente a madrasta conseguia substituir a mãe, ainda que tivesse todo o interesse nisso. O autor apontou algumas situações a fim analisar o que de fato podia ocorrer nessas relações. Primeiro, se a mulher casasse com a intenção de conquistar os enteados o mais rápido possível, podia acontecer de a criança apresentar resistência e esse vínculo não se formar. Segundo, se os meninos fossem crescidos teriam a tendência inconsciente de comparar a mãe com a madrasta, criando uma dificuldade maior. Terceiro, caso a madrasta fosse mais

moça que o pai e o enteado um rapaz, podia-se criar um vínculo amoroso entre eles e provocar conflitos graves no ambiente familiar. Quarto, se porventura viessem logo filhos próprios, os enteados sentir-se-iam preteridos e, caso o pai tomasse partido da nova mulher e do novo filho, a posição das crianças do primeiro matrimônio pioraria consideravelmente, trazendo conflitos muito sérios. Stern⁴¹, segundo Ramos (s.d.), assinalou reações graves que a situação de *escorraçamento* podia trazer para essas crianças como fugas de casa, atos de agressividade contra terceiras pessoas, depressão e até suicídio. Na sequência apresentamos a história de M.L.L., menina de 10 anos do primeiro matrimônio do pai que apresentava reações de apatia e dificuldade de aprendizagem, além de doenças orgânicas.

Obs. 72 (Escola “Estados Unidos”, ficha nº 75 do S.O.H.M.). O pai, português, vendedor ambulante, deixou Portugal, por ocasião do falecimento da mulher; casou-se pela segunda vez. A mãe, portuguesa, faleceu há quatro anos. 3 irmãos, do primeiro matrimônio, 2 moças, de 24 e 18 anos, 1 menino de 12 anos; 2 irmãos do segundo matrimônio, de 2 anos e de 9 meses, respectivamente. A madrasta[...] não é boa para a menina: obriga-a a trabalhar, bate-lhe quando não são os serviços bem feitos. [...] Trabalha em casa: lava a louça, arruma a casa e a cozinha, toma conta das crianças menores, dá-lhes banho e comida; às vezes lava também sua roupa e das crianças. O pai trata os filhos da madrasta com carinho e maltrata muito a menina. Subalimentação. Deita-se às 22 horas; não tem cama: dorme em cima de uma tábua, colocada sobre duas barricas, enquanto que os filhos da madrasta tem cama comprada. Não brinca em casa; na Escola [...] é obediente, chora facilmente, tem o tique de piscar os olhos e contrair os lábios, revirando a boca. É calma, medrosa, insociável, simplória. Atenção fraca; [...] apatia afetiva; raciocínio regular. Aprendizagem fraca. [...] O exame orgânico revelou: subalimentação; Ricord presente; lues congênita. [...] Maio de 1935 - [...] Contou que a madrasta e o pai lhe batem muito e obrigam-na a cuidar dos irmãos menores. Tem a aparência doentia e ao exame médico, foram verificadas várias equimoses pelo corpo, que, segundo a menina, foram produzidas por surras de correia.⁴² (Os grifos são nossos).

Vimos nessa história de M.L.L. o quanto sua madrasta e o próprio pai a *escorraçava* e a castigava fisicamente e a forma como o pai tomava partido da segunda esposa e mimava os filhos desse casamento, desprezando a menina de 10 anos. As reações de M.L.L. eram de depressão e apatia afetiva, além da dificuldade de aprendizagem, como já mencionado.

Discorremos anteriormente sobre a figura paterna como aquela que interdiz a posse da mãe, castiga, que diz “não faça”, “não quero!”. Do mesmo

⁴¹ Arthur Ramos não fez referência sobre a data do estudo do autor.

⁴²Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 151.

modo o fizemos em relação ao *complexo de Édipo e de castração*. Porém, cabe assinalar que as mães também puniam, tendo a psicanálise abordado o tema da “mãe fálica”, mas, normalmente, era a *imago paterna* quem ficava em evidência, segundo Ramos (s.d.).

Em relação à “mãe fálica”, Ramos apontou para o estudo sobre as fantasias infantis da sexualidade, segundo o qual, para a criança, a mulher possuiria um órgão sexual idêntico ao do homem e, quando essa fantasia se desfazia, surgia um sentimento inconsciente de inferioridade na mulher, expressão do que Freud chamou “inveja do pênis” e Adler o “protesto viril”, assim a “mãe fálica” se torna perversa e cruel, aquela que pune e devora os filhos.⁴³

Ramos faz uma relação da “mãe fálica” com as madrastas e traz alguns exemplos de contos brasileiros sobre madrastas vistas como mães vingadoras, feiticeiras, terríveis. Dos contos brasileiros que se ateve para exemplificar seu pensamento, o médico colocou relevo no conto popular intitulado a Madrasta. Nesse conto a madrasta cruel ordenou que duas irmãs tomassem conta das figueiras por causa das bicadas dos passarinhos. Não havendo mais como suportá-las, ela manda enterrá-las vivas. Ramos assinala que então surge a transfiguração mágica do conto, ou seja, o motivo da ressurreição e da vingança. Explicando melhor, um dia o jardineiro descobriu que as meninas estavam vivas, pois quando foi capinar o capim que crescera no túmulo, ouviu de uma delas a “voz encantada”⁴⁴:

Capineiro de meu pai
 Não me cortes os cabelos
 Minha mãe me penteava
 Minha madrasta me enterrou
 Pelo figo da figueira
 Que o passarinho beliscou! (RAMOS, s.d., p. 149)

Assim as meninas foram desenterradas vivas para castigo da madrasta que caiu para trás morta quando soube da notícia. A análise do autor em relação a esse conto foi a seguinte:

⁴³Trabalho intitulado *Arthur Ramos e a criança-problema: a higiene mental escolar e a psicanálise no antigo Distrito Federal (1934-1939)*, submetido à apreciação e aprovado, em 17/09/2010, para o VI Congresso Brasileiro de História da Educação: *Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação no Brasil*, Universidade Federal do Espírito Santo, 16 a 19/05/2011 - (Cf. Papadopoulos, 2010c).

⁴⁴ Cf. Papadopoulos, 2010c – idem.

E aventei uma hipótese técnica para a explicação do “monstro” dos contos que pune e castiga, transformando-se de entidades masculinas em femininas, e vice-versa. O monstro resulta da condensação da mãe fálica com o pai castrador do pequeno Édipo. A madrasta dos folk-lores é a mãe fálica, igual ao pai odiado que devora os filhos. No conto brasileiro da Madrasta, temos o motivo da castração na cena em que o capineiro vai ceifar o capinzal que crescera na cova. O capim, ou os cabelos, simbolizam aqui o púbis e o fato de serem cortados simbolizam o ato da castração... A compensação “heróica” desses contos do ciclo das madrastas, das mães fálicas, consiste no triunfo final dos enteados escorraçados, dos filhos abandonados e castigados. Há um tema de ressurreição, ou melhor, de nascimento, em que o filho ultrapassa a angústia do traumatismo do nascimento. Em alguns contos, o filho-herói é encontrado vivo na cova. Em outros, conquista a beleza, a fortuna e o amor. (RAMOS, s.d., p. 150).

Ramos alertou para a universalidade do tema da madrasta e enteado nos contos populares, mostrando as condições desfavoráveis e os conflitos nessas relações. Para ele o enteado sujeito à madrasta, “é um escorraçado moral, que se desenvolve em meio a conflitos conscientes ou inconscientes de ordem afetiva” (s.d., p. 150).

Enfim, após analisarmos mais detidamente quem era a criança *escorraçada* no ponto de vista de Arthur Ramos, podemos concluir que: 1. eram crianças que, em sua maioria, viviam em situação de miséria e, conseqüentemente, eram subnutridas, além da presença de outras doenças orgânicas; 2. eram abandonadas moralmente e afetivamente; 3. sofriam castigos físicos severos; 4. exerciam trabalhos domésticos fatigantes; 5. na maioria das vezes não brincavam em casa porque a mãe ou a madrasta não permitiam; 6. tinham problemas com o sono como pesadelos, sonambulismo etc; 7. algumas apresentavam enurese noturna; 8. Apresentavam reações como agressividade; timidez; medo e a angústia; turbulência; ironia; mentiras; furtos; *desajustamentos sexuais* etc. No próximo item iremos nos debruçar sobre a questão das fugas, furtos e mentiras como forma de investigação da higiene mental, por configurar uma pré-delinquência.

A orientação da higiene mental sempre era no sentido de corrigir os comportamentos considerados *desajustados*, obtendo a confiança da criança, compreendendo-a e, principalmente, não a castigando. Mesmo com todas as orientações, os castigos e violência física não eram práticas disciplinares superadas tanto na escola, como na família. Como abordamos, no início desta

dissertação, civilização e violência não são contrárias, pois o processo civilizador é identificado justamente pela permanente busca entre a pacificação e violência. Desta forma, podemos entender porque, mesmo a prática da higiene mental sendo utilizada como forma de se ter uma nação composta por indivíduos saudáveis física e mentalmente, com pensamentos modernos, atitudes civilizadas, ainda não se havia superado a violência física como forma de resolução de conflitos entre adultos e crianças.

4.1

Fugas escolares, mentiras e furtos: pré-delinquência infantil ou defesa contra o *escorraçamento*? Algumas histórias

Uma das importantes tarefas da higiene mental era a dos estudos das causas da delinquência que para os higienistas era vista como *desajustamento* social. Desta forma, o movimento era em direção ao estudo dos comportamentos, dentro do seu determinismo social, ao invés, da punição. De acordo com Ramos (1939, p. 28):

foi justamente o estudo do indivíduo “normal” em certas condições desfavoráveis de ambiente, principalmente o estudo da criança “pre-delinquente” que destacaram o papel das causas sociais do crime: pauperismo, conflitos familiares, abandono moral e afetivo, orfandade, alcoolismo e outros desajustamentos no lar, etc.

Vamos analisar o estudo desenvolvido por Ramos, através de suas observações realizadas no S.O.H.M. sobre as fugas, as mentiras e os furtos infantis⁴⁵ cabendo a indagação: essas crianças que fugiam, mentiam e/ou furtavam poderiam ser consideradas pré-delinquentes ou estavam apenas reagindo contra o *escorraçamento* que sofriam?

Iniciando pela fuga, Ramos (s.d.) apontou tal situação como sendo um dos problemas que mais preocupavam os educadores. A fuga era chamada de “gazeta” e para o médico alagoano, era um sintoma de *desajustamento* social. Ele afirmava que a *culpa* muitas vezes era da escola, pois fracassava em sua tarefa social, fazendo a criança exprimir sua decepção na falta às aulas. A escola antiga, segundo Ramos, era um exemplo clássico do que afirmou, pois era um lugar de

⁴⁵ Ver anexo 11 - uma pesquisa desenvolvida pelo S.O.H.M. em relação ao percentual de mentiras e furtos praticados pelos os alunos das escolas experimentais.

suplício para a “martirizada alma infantil” (p.279), pois toda uma série de processos pedagógicos era empregada e a criança angustiada fugia das punições corporais, não comparecendo à escola. Fugia para a rua ou até mesmo apresentava vários pretextos para ficar em casa, como uma doença, por exemplo. Segundo o autor (p. 280):

Quantas doenças, quantas convalescenças prolongadas não tiveram essa causa! A criança urdia toda uma série de pretextos para “cair doente” e ficar em casa, ou mesmo provocar a doença: metia o dedo na garganta para provocar vômitos, rodopiava repetidas vezes para provocar tonturas, adotava mil estratégias, para contrair um mal visível, e fugir de uma situação intolerável.

Desta forma, Ramos (s.d.) concluiu que a causa primeira da “gazeta” escolar era oriunda da própria escola e, também, do ambiente familiar. Da primeira, quando não recebia a criança com alegria e carinho apresentando um ambiente hostil a ela. Na segunda, a criança fugia dos *escorraçamentos* afetivos. O autor citando Aichhorn (1925) discorreu sobre o estudo da criança abandonada que procurava fugir de um mundo hostil e ia se agrupar com os companheiros que viviam a mesma situação, muitas vezes se organizando em “gangs”, vivendo pelas ruas e estradas, como um exército de vagabundos, o que ele afirmou ser um passo para a delinqüência.

Gilbert Robin (1935), também citado pelo médico (s.d.), estabeleceu a distinção entre fuga e vagabundagem afirmando que a fuga era uma crise e a vagabundagem um estado, porém acentuava que a vagabundagem começava quando terminava a fuga, podendo existir a confluência das duas, sendo difícil, muitas vezes, distingui-las. Ele também diferenciou os vários tipos de fugas como: fuga escolar, fuga da adolescência, fuga automática e impulsiva, fuga ansiosa, fuga por instabilidade, fuga psicótica. Vejamos cada uma delas.

Dentro da fuga escolar, o autor fez duas distinções entre a “gazeta” e a ruptura escolar. No primeiro caso, crianças fogem para a “gazeta” escolar e integram o grupo do que ele denominou de “impropriamente instáveis”, por se tratarem de crianças abandonadas moralmente e *escorraçadas*; ao outro grupo, denominou “dos medrosos” a fim de não serem punidos, fugiam por medo; e o grupo do perverso que aliava a fuga à mentira, furtos etc. O segundo caso era considerado por ele como uma modalidade especial da “gazeta”, pois era a situação de crianças que sempre haviam se submetido a uma escolaridade regular

e, de repente, se recusavam a ir à escola. Os motivos podiam ser diversos como algum complexo afetivo, alguma mudança brusca de situação em casa ou na escola ou até mesmo a ação inadequada de pais e professores. Robin, portanto, conclui afirmando que tanto a “gazeta” simples como a ruptura escolar podiam se confundir em suas causas.

A fuga da adolescência era conhecida também como “fugas de independência”, constituindo um ato de revolta contra a autoridade paterna, buscando o adolescente se autoafirmar como homem, procurando romper com os laços familiares. Adler explicou o fato como o “protesto viril”, ou seja, o desejo de afirmação da personalidade, enquanto os freudianos interpretavam a atitude como a manifestação de ódio e agressão à autoridade paterna, que estavam ligados à situação edipiana.

A fuga automática ou impulsiva acontecia no decurso de uma fase depressiva, em que a criança podia apresentar, no auge da depressão, a vontade de se esconder. Na confluência das fugas escolares simples e patológicas estava a fuga do ansioso, sendo crianças emotivas, sugestionáveis, medrosas, esgotáveis, que temiam realizar alguma tarefa errada, então faltavam à escola por medo. Na transição entre as fugas escolares por conflitos afetivos e as fugas patológicas, encontrava-se a fuga por instabilidade, sendo que nesse caso o que fugia o fazia por necessidade de deslocamento contínuo, não se sentindo bem em nenhum lugar. Enfim, as fugas patológicas ou mórbidas eram menos frequentes na infância e raras na população escolar, de acordo com o autor. Estavam ligadas à epilepsia, à paranóia ambulatória, à perversidade constitucional, aos atrasos graves, à demência precoce etc.

Enfim, após a análise sobre as fugas, seguem na sequência duas histórias envolvendo “gazeta” escolar e fuga de casa, a fim de exemplificar o que Ramos apontou como sendo os dois ambientes causadores de tal ação infantil. A primeira história é de H.C., menino, de 13 anos que nos mostra o exemplo de fuga escolar e a segunda história é de T.D.S., menino de 7 anos, que nos retrata um caso de fuga de casa devido ao *escorraçamento* sofrido.

Obs. 168 (Escola “México”, ficha nº 135 do S.O.H.M.). HC, menino de 12 anos. O pai, italiano, fabricante de brinquedos, [...] bate muito no filho. A mãe, brasileira, muito nervosa; castiga o filho com pancadas, por desobediência. [...] Algumas dificuldades no desenvolvimento do menino. Subalimentação.[...] É obediente, tranqüilo, triste, insociável, reservado, tímido. Tem o tique de

morder o lábio inferior. Aprendizagem deficiente. Do seu registo de observações: 1936 – Inteiramente alheio à classe. Desenha enquanto os colegas trabalham. É dissimulado. Fuma às escondidas. Falta muito à Escola. Aos poucos, contou que fugia para traz da Igreja do bairro, onde há um bom campo para jogar (bola, baralho, dados, fumar, etc). O pai ignora estas fugas. Falta três a quatro vezes por mês.⁴⁶ (Os grifos são nossos).

Na história de H.C. podemos observar várias situações que podiam o estar levando à “gazeta” escolar. A primeira é a questão da adolescência, como vimos anteriormente, ou seja, a necessidade de autoafirmação como homem e o desafio à autoridade do pai. Percebe-se na ficha de observação que a Escola relata que é um menino obediente, triste, insociável, reservado, tímido etc. Interessante assinalar que as atividades escolares também não estavam lhe trazendo nenhum interesse já que ficava “inteiramente alheio à classe”. Nas observações não fica esclarecido como o ambiente escolar o tratava. Outro ponto de relevo era o *escorraçamento* sofrido no ambiente familiar.

Obs. 23 (Escola “Estados Unidos”, ficha nº 191 do S.O.H.M.). T.D.S., menino de 7 anos, cor parda. O pai, português, empregado numa tinturaria, não goza de boa saúde; castiga frequentemente o filho, com surras de correia e prisão no quarto. A mãe, brasileira, doméstica, goza de boa saúde. 4 irmãos [...]. Moram em casa alugada, situada no morro [...]. Não brinca com os vizinhos, porque a mãe proíbe. Subalimentação. Atormenta os colegas. Mente e furta algumas vezes. É irascível, medroso, agitado, insociável, calado com explosões súbitas, agressivo. Desatento, memória regular, aprendizagem fraca, muito sugestionável. Observações da sua ficha: Agosto de 1935 – J. É muito irrequieto e agressivo, o que obrigou à sua separação da turma. A mãe informa que, em casa, o menino se irrita com facilidade, “não ligando às recomendações que faz, nem aos castigos de correia” (sic.). Há dias que passa preso num quarto de onde só sai para se alimentar. Muitas vezes, foge, ou tenta fugir e quando não consegue, desarruma tudo e quebra o que encontra. Cansado, acaba dormindo. Foge constantemente para a rua, de sorte que “vão agora comprar cadeados para que ele não possa mais fugir.” Setembro de 1935 – [...] é muito desatento e irrequieto. É fraco em aritmética. Trata-se de uma criança escorraçada, com defeitos orgânicos, que devem ser tratados, ao lado de esclarecimentos aos pais.⁴⁷ (Os grifos são nossos).

Na história de T.D.S. vemos que além do *escorraçamento* afetivo e castigos físicos, o menino ficava preso no quarto constantemente e, por fim, a solução encontrada para impedir suas fugas foi comprar cadeados.

A higiene mental rebatia a correção das fugas escolares em geral através de punições, castigos e ameaças, entendendo que era preciso examinar cuidadosamente as causas delas e direcionar a forma mais adequada de cessá-las.

⁴⁶ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 287.

⁴⁷ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 88

Por fim, Ramos (s.d., p. 297) afirmou o seguinte: “A criança bem recebida na escola e no lar não tem necessidade de fugir. Um ambiente agradável é o melhor lugar onde pode permanecer; não necessita de fazer ‘gazetas’ que exprimem quase sempre ‘evasões’ de situações hostis.

Nossa investigação agora se volta para a questão da mentira infantil.⁴⁸ Ramos (1938), discorrendo sobre o assunto, disse não concordar em falar sobre “mentiras” e “furtos” na infância tendo em vista que estes termos traziam um significado pejorativo, sendo entendidos pelo adulto, como transgressão de um padrão moral. Ele defendia que a atividade imaginativa era uma função normal na criança. De acordo com os estudos desenvolvidos por ele, a criança não sabia ou não podia mentir antes de distinguir a relação de assuntos, ou antes, de adquirir a “função expositiva”, que só se desenvolvia a partir dos três anos. Os testemunhos defeituosos, processos ligados à atividade mítica ou interpretações falsas, também deviam ser eliminados da categoria de mentiras.

Em relação à definição da mentira, Arthur Ramos (1938) afirmou que a maioria dos psicólogos pensava ser impossível defini-la, pois ocorria em várias circunstâncias e apresentava os mais variados aspectos e completou dizendo que era preciso também levar em conta as condições ambientais em que se desenvolvia a reação mentirosa.

Desta forma, Ramos (1938) traçou uma discussão no sentido de distinguir se o caráter da reação mentirosa era inato ou adquirido. De acordo com o que analisou concluiu que as mentiras, nas crianças, eram reações ao ambiente, ou em outras palavras, reações de defesa, salvo os casos de traços inatos da imaginação criadora ou quando se tratava de mentira patológica. É importante ressaltar que o medo era considerado um grande provocador de mentiras, como o medo de pancadas ou de ser privado da liberdade.

Outro fator que merecia destaque era o fato de os adultos, em algum momento, tentarem enganar as crianças, pois elas sabiam distinguir quando isso acontecia. Essa atitude provocava falta de confiança no adulto por parte delas, além de fazê-las ter a mesma atitude, porque acabavam agindo por imitação.

⁴⁸ Cabe ressaltar que um dos compêndios de vulgarização do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental foi sobre *A mentira infantil*, publicado em 1938, pela Oficina Gráfica da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal. Tinha como objetivo informar a família, educadores e a sociedade em geral sobre a mentira na infância. Ver anexo 12 – capa do compêndio.

Ramos (1938) afirmava que de qualquer forma a mentira era um sintoma de *desajustamento*, entretanto, também afirmava que a mentira na infância era uma simples reação de defesa. Acreditamos que quando o autor apontava a mentira como um sintoma de *desajustamento*, estava se referindo, principalmente, ao adulto por não cuidar da criança, seguindo os preceitos e orientações da higiene mental, favorecendo ou até mesmo reforçando a mentira na infância. Por sua vez, a criança agia mentindo ou porque “aprendeu” com a atitude dos responsáveis ou por defesa para não ser castigada.

O médico (1938) cita um estudo desenvolvido por Cyril Burt (1925) sobre sete categorias gerais de mentiras. Sendo elas: a mentira presenteira; a confusão; de vaidade; de malevolência ou vingança; de desculpa; egoísta; leal ou convencional. Vamos, na sequência, tratar de cada uma delas ilustrando-as com algumas histórias dos escolares atendidos pelo S.O.H.M.

A primeira era a mentira presenteira que consistia na mentira imaginativa, ou seja, aquela referente à imaginação criadora da criança, tendo como objetivo o de chamar a atenção para si ou a satisfação dos seus desejos. Ramos mostrou no relato a seguir que esse tipo de mentira era muito comum nas escolas.

Obs. 246 (Escola “México”, ficha nº 72 do S.O.H.M.) – H.R. é um menino de 8 anos de idade. Pais [...] castigam os filhos. [...] “Parece que no fim do ano, nas férias, vou ser escoteiro, mas não quero ser escoteiro do Fluminense; quero ser da Ilha do Governador, por causa da farda, como marinheiro. Escoteiro fica na mata, dorme fora...” Fantasia acontecimentos. Contou uma vez, na Escola, a história de uma caçada que fez com o pai; exibiu uma pequena marca na mão: “foi uma dentada que lhe deu um bicho de rabo muito grande...”⁴⁹ (Os grifos são nossos).

A outra categoria seria a mentira de confusão que era resultante da inabilidade em relatar com exatidão de detalhes um fato ocorrido, porém o pesquisador chamou a atenção para não tomar essa categoria no rigor da expressão, pois poderia ocorrer por medo, sugestão do adulto (quando interrogava inadequadamente a criança) ou por debilidade mental. Em seguida vemos um exemplo desse tipo de mentira em uma aluna que apresentava debilidade intelectual.

Obs. 245 (Escola “Argentina”, ficha nº 250 do S.O.H.M.). L.P., menina de 11 anos. [...] O exame mental revelou atraso intelectual. [...] Em casa, não presta atenção aos recados, esquece-os, modifica-os, para fazer compras, chegando a perder o dinheiro, quando não volta para casa após muito tempo sem fazê-las. [...]

⁴⁹ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 400.

Apanha muito da mãe. [...] É uma criança que não sabe o que diz, pois hoje diz uma coisa, amanhã outra, até com fatos relativos à sua vida diária. [...] Ri constantemente e atrapalha-se nas respostas às perguntas que lhe fazem... Trata-se evidentemente de mentiras por confusão, numa débil.⁵⁰ (Os grifos são nossos).

A mentira de vaidade seria a terceira categoria e nela existiam exageros conscientes da criança, como “contar vantagens” a fim de se destacar dos outros ou para ser como o adulto. O inconveniente desse tipo de mentira era que podia se instalar como hábito e acompanhar o indivíduo durante toda a vida. Segue a história de W.M., menino de 7 anos da Escola México:

[...] As mentiras por exagero, por vaidade narcísica, para “contar vantagem”, revelam-se logo numa simples conversa por ocasião do fichamento. “Conversar essas coisas da ficha é sopa”; “se fosse dizer todos os passeios que costume dar, este papel ficaria cheio”, etc. [...] Aqui é que se destacam as suas mentiras por vaidade. Está estudando francês há mais ou menos um mês: “quase que já esqueceu todas as palavras brasileiras”. A mãe de WM, [...] disse não saber mais o que fazer pois o filho é uma precocidade: “é um homem perfeito, não tem ilusões na vida, sabe de tudo e nunca ouviu essas coisas em casa [...]”. No entanto a atitude da mãe tem prejudicado o menino: reclusão em casa, hábitos de dissimulação, etc. A criança sobrepõe-se ao seu complexo de inferioridade, contanto “casos” [...].⁵¹(Os grifos são nossos).

Ramos (s.d.) fez uma observação quanto às três categorias iniciais, no sentido de afirmar que na verdade elas não eram mentiras propriamente ditas, mas estavam ligadas a erros de percepção, de memória e de interpretação, ou em outras palavras, “estes erros são funções da imaginação criadora (mentira por prazer), funções do ambiente (mentira de confusão) e funções dos desejos subjetivos de domínio (mentira de vaidade).” (p. 401).

A quarta categoria seria a mentira de malevolência ou vingança motivada pelo ódio de uma pessoa específica ou em geral. De acordo com os psicanalistas sua base seria a teoria da *projeção*, de acordo com o qual a criança projeta os seus próprios sentimentos nos outros e daí o seu ódio a terceiros e o desejo de fazer-lhes mal.

Em seguida vamos tratar da quinta categoria que é a mentira por desculpa. Essa categoria era caracterizada pelo medo de castigo ou medo moral. A responsabilidade pela reação de mentiras na criança era imputada aos adultos, justamente por lhe fazerem perguntas inadequadas ou por castigá-las diante do fato revelado. Importante observar que a mentira por desculpa podia ser aguda ou crônica. Na primeira, a criança, por se sentir ameaçada, mentia para livrar-se do

⁵⁰ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 399.

⁵¹ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 394.

castigo, era algo ocasional. Na segunda, a mentira se tornava uma característica das crianças constantemente *escorraçadas* no ambiente familiar ou na escola. Nesse caso, muitas vezes, a mentira crônica por medo associava-se à categoria anterior, ou seja, a criança *escorraçada* mentia para se livrar do castigo e ao mesmo tempo para se vingar dos maus tratos recebidos continuamente, projetando seu ódio. Neste sentido, a história de W.M.W. ilustra essa situação, uma menina de 9 anos, da Escola Manuel Bonfim, que mentia em casa para prejudicar a irmã e obter vantagem. Acabou transportando para a escola tal hábito, queixando-se frequentemente, mentindo para prejudicar os colegas.

Na sexta categoria, encontramos a mentira egoísta que era caracterizada pela mentira friamente calculada a fim de enganar alguém para obter algum benefício. Vale destacar que esse tipo de mentira não era motivado por nenhuma reação emocional em resposta a situações criadas pelo ambiente, ou por medo, ou vingança e, sim, uma mentira que se instalava pelo hábito consciente, calculado de enganar outras pessoas. Porém, esse tipo de mentira era mais raro em crianças, mas revelava desvios de caráter graves. Ramos (s.d.) defendia a ideia de que mesmo que alguma criança apresentasse esse tipo de mentira, o caminho seria o tratamento e, não, a punição.

A última categoria era a mentira leal ou convencional que era a mentira altruística, a fim de ajudar a algum companheiro ou para defender um ponto de honra. Esse tipo de mentira era mais comum entre os adolescentes, que chamavam sobre si a culpa a fim de salvar o amigo de alguma situação difícil, porém acontecia também na amizade infantil, como mostra abaixo a história de C.E., menino de 7 anos, da Escola Bárbara Ottoni.

*[...] Boas condições de ambiente familiar. É obediente, não apresenta nenhum problema escolar, a não ser **pequenas mentiras de vez em quando, que se podem enquadrar na categoria de “mentiras leais”**, como se pode ver pelas observações colhidas pela auxiliar do Serviço: 1934 – **C.E. é primo e amigo leal de W.W. Sempre que este faz uma traquinada e ele pode salvá-lo, mente, apresentando-se culpado.** “Eram ambos alunos da Profª A, tia dos dois e madrinha de C.E. Depois de curta ausência da sala de aulas, a professora, ao voltar, notou que o mata-borrão protetor da mesa estava rasgado. Os dois estavam perto da mesa. A professora, dirigindo-se a eles falou: - Mas vocês, justamente de casa, que deviam zelar pelo que é nosso, são os primeiros a estragar o mata-borrão! **C.E. imediatamente replica: - Fui eu... Só depois a professora descobriu que C.E. havia mentido para salvar o colega.**”⁵² (Os grifos são nossos).*

⁵² Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 404.

Como vimos, os casos de mentiras infantis, assim como os furtos, para Ramos, não tinham na infância, o mesmo sentido que nos adultos. Os furtos na infância eram considerados como uma significação simbólica, traduzindo uma tentativa inadequada de compensar uma situação de *desajustamento*. Estudos de Freud e sua escola, bem como os estudos de Adler, fundamentavam a posição de Ramos, ou seja, que os furtos infantis tinham uma significação simbólica, sendo sempre uma compensação a um afeto perdido ou inalcançado.

Desta forma, os higienistas mentais e os educadores conhecedores dos conceitos psicanalíticos e da psicologia individual, eram unânimes em afirmar que os furtos infantis surgiam como forma de compensação a traumas afetivos, em geral, até porque as crianças não teriam noção de delito. Explicando melhor, a criança em sua natureza é captativa e egoísta, não tendo noção da falta em suas atitudes de furtos, recebendo a orientação para a fase da oblatividade, somente através da educação. Os higienistas também colocaram relevo no fato de a criança aprender a mentir para ocultar os furtos, devido à pressão recebida dos adultos, assim ficando furtos e mentiras associados, na maioria das vezes.

Nesse sentido, a voz dos higienistas mentais se levantou em contradição às discussões dos testólogos e estatísticos, pois através de “case-histories” no estudo da criança-problema, confirmaram a importância dos fatores afetivo-dinâmicos e as influências ambientais como determinantes para o aparecimento dos problemas de comportamentos infantis.

Baseado nessas afirmações e em suas observações realizadas no Serviço de Ortofrenia, Ramos (s.d.), distinguiu as várias categorias de furtos encontradas na população escolar, que foram: **furtos como reação a sentimentos de inferioridade** por causa do pauperismo, condições ambientais *desajustadas*, abandono moral; **furtos em consequência de emoções recalçadas** como inveja, despeito, vingança, fator sexual; **furtos como jogo ou imitação**; **furtos associados à mentira e outros fenômenos como fraude da conduta** e, **furtos patológicos**. Utilizando as observações realizadas pelo S.O.H.M., vamos no decorrer do texto, esclarecendo as citadas categorias de furtos examinadas por Arthur Ramos.

A primeira categoria ao qual Ramos se referiu foi a proveniente de sentimentos de inferioridade, desta forma trazemos a história de A.M., menino de 7 anos, da Escola México, cuja mãe batia muito no filho:

[...] O menino frequenta, além desta Escola, um **colégio particular**, onde é **castigado com autorização dos pais**. [...] Ainda hoje lê soletrando e **“parece sempre nervoso, temendo o castigo que costuma receber no colégio particular, quando não consegue ler direito”**. [...] **Há hábitos de furto**; chora quando os colegas o acusam. **Apanha muito em casa por isso**. [...] O exame orgânico revelou sinais de lues congênita, **dentes em péssimo estado de conservação, feridas impetiginosas nos membros inferiores, manchas hipocrômicas no rosto**. [...] 1936 – **É escorraçado e mal compreendido. Apanha dos pais e dos professores particulares. Tem medo de tudo, até dos colegas maiores que lhe batem frequentemente. Setembro – tirou de minha carteira, um bilhete de entrada para a Festa da Primavera. Colegas o denunciaram; chorou, negando. Revistado, foi encontrado com o papel. Quando acontece um fato assim, os colegas revistam-lhe os livros de modo humilhante. Nesse dia, a mãe veio à Escola, porque a irmã lhe contou o ocorrido; pediu-me que batesse na criança quando furtasse alguma coisa, porque em casa também procedia assim e ela lhe dava com correia...**⁵³ (Os grifos são nossos).

Essa observação demonstra que A.M. era *escorraçado*, órfão de afeto e desprovido de cuidados em relação à saúde, além de incompreendido pelos pais e professores por não conseguir aprender, procurando nos furtos uma compensação afetiva.

No furto referente à consequência de emoções recalçadas, encontramos a história de S.M., menino de 9 anos, da Escola México, que devido aos maus tratos que vivia em casa, além da situação de pauperismo, reagia apresentando, entre outros comportamentos, o furto de objetos dos colegas, demonstrando inveja, despeito e até vingança por uma raiva recalçada devido a sua realidade de vida.

[...] o pai separou-se da família. [...] **A mãe bate de tábua no filho**. [...] Quando está em liberdade, **atira-se ao chão e rola como um animalzinho**. Diz que quando **apanha de tábua ou correia, atira-se ao chão e se esconde debaixo da cama**. Na Escola, é desobediente, raramente cumpre uma ordem; **atormenta os colegas com beliscões, ponta-pés; furta objetos dos colegas: lápis, borracha, papel...**; **acusa frequentemente os companheiros de ladrão (mecanismo de projeção)**; tem os tiques de esgaravatar o nariz, por as mãos na boca. **Tem os cabelos desalinhados, unhas roídas**. [...] **Dentes em péssimo estado de conservação**; lues congênita; **desnutrição**; mucosa e pele descoradas; ventre volumoso.⁵⁴ (Os grifos são nossos).

O furto como jogo ou imitação se apresentava como uma atividade relacionada ao espírito de aventura e imitação, e era, normalmente, praticado pelos pré-adolescentes, abandonados moralmente, meninos vivendo nas ruas em “bandos”. A história a seguir de J.R., menino de 13 anos, da Escola Argentina, ilustra a tese de Ramos.

⁵³ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 417.

⁵⁴ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 418.

O pai [...] enérgico, colérico, “mau”, queixa-se o filho. [...] Vive sempre na rua, onde chefia um grupo de companheiros. É desobediente, atormenta os colegas, é fanfarrão e tagarela, suspeitas de furto. É agressivo, valentão, bulhento. [...].⁵⁵ (Os grifos são nossos).

Os furtos associados à mentira e outros fenômenos de conduta constituíram a penúltima categoria que Ramos estudou. Esses tipos de furtos eram associados também a comportamentos fraudulentos. J.F., menino de 7 anos, tinha pais pobres. Era um menino malicioso, atormentava com frequência os colegas com beliscões, empurrões, escondendo objetos. Costumava contar muitas histórias mentirosas e negava sistematicamente tudo o que fazia de errado, além de apresentar tiques de arregalar os olhos e pestanejar. Os dados de J.F. mostram a “coexistência de problemas de comportamento em uma criança imaginativa, no sentido de furtos e outras fraudes (esconder objetos), mentiras, tiques, agitação...” (RAMOS, s.d., p. 429).

Resta-nos examinar a última categoria de furtos – os furtos patológicos. Segundo Ramos (s.d.) eles eram raros e estariam associados à existência de uma doença orgânica ou nervosa etc. Para o médico os casos de furtos patológicos também poderiam estar relacionados aos fatores ambientais que tornavam a situação mais complexa. A história de J.R., um menino de 9 anos, mostra-nos que os furtos cometidos por ele não pareciam relacionados exclusivamente à condição patológica que apresentava, mas reforçados pelos fatores afetivos de *escorraçamento* afetivo, sendo enteado, problema com a madrasta etc.

[...] Mãe, faleceu de pneumonia; esteve internada no hospital de alienados com uma psicose. [...] Informações da madrasta; “prefere apanhar a estudar, tem horror ao estudo; é pouco inteligente; quando vai à rua fazer compras, é preciso levar um bilhete, se não esquece de trazer ou traz errado.” [...] Na Escola, é desobediente, chora facilmente, é tagarela, embirante, mentiroso, esconde o que é dos outros e furta às vezes; coça-se muito, sacode o ombro, torce a boca quando fala, está sempre a mastigar; tem sempre um objeto na mão para torcer e sacudir. [...] Observação da auxiliar do serviço: a afetividade é indiferente, difícil o contacto com esta criança: tem-se a impressão de que olha sem ver. [...] teve um ataque, segundo informações da família: “perdeu a fala, espumou, debateu-se em convulsões, os olhos parados, durante duas horas; foi socorrido pela Assistência e depois levado a um especialista, que diagnosticou sífilis nervosa...”⁵⁶ (Os grifos são nossos).

⁵⁵ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 427.

⁵⁶ Fonte: RAMOS, Arthur. *A criança problema: a higiene mental na escola primária*, s.d., p. 433.

Finalmente, após analisarmos as questões colocadas em relação às fugas, as mentiras e os furtos infantis, compreendemos que na visão de Arthur Ramos e outros pesquisadores, esses comportamentos aconteciam quase sempre por influências ambientais e atitudes inadequadas dos adultos – pais e educadores.

Assim, no próximo capítulo, vamos nos dedicar ao estudo da criação e funcionamento do S.O.H.M. e as orientações advindas dele a fim de orientar família e escola a lidar adequadamente com a criança *escorraçada* como criança-problema, buscando evitar ou até mesmo corrigir os comportamentos *desajustados* apresentados por ela, confirmando a reação de defesa que a criança apresentava em relação ao *escorraçamento* que sofria.

Constatamos que na perspectiva de Ramos essas condutas (fugir, mentir e furto) eram formas de denunciar a incompreensão dos adultos em relação à infância, assim como outros comportamentos que vimos. Porém, cabe ressaltar que os primeiros eram considerados como mais graves, demonstrando um caminho para a delinquência, entretanto Ramos, através das observações realizadas no Serviço em conjunto com seus estudos e de outros pesquisadores, concluiu que na criança a motivação e a significação de tais comportamentos eram diferenciadas dos adultos, não configurando atitudes criminosas.⁵⁷

⁵⁷ Ver anexo 13 um artigo no Jornal Gazeta de Alagoas, de 03/03/1939, intitulado *A proposito da creança delinqüente*.